

# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . . 48\$000  
 SEMESTRE (26 . . . . .) . . . . . 25\$000  
 NUMERO AVULSO. . . . . 1\$000  
 — ATRAZADO. . . . . 1\$500  
 Escriptorio, Rua Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Proprietario — *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 30 de Maio de 1895.

N. 4

## A CIGARRA

Para que, em qualquer ponto d'este vastissimo paiz, algum infeliz mortal não se queixe de nó, dizendo ignorar as condições em que os habitantes da terra podem assignar *A Cigarra*, aqui vão claramente explicadas essas condições.

*A Cigarra* publica-se todas as quintas-feiras, illustrada, colorida, em edição de luxo. O texto inclue chronicas, fantasias, contos, poesias. Assigna-se em todas as livrarias e agencias de jornaes, e no escriptorio da empreza, rua do Ouvidor 115. O assignante receberá, *gratualmente*, todos os supplementos e numeros extraordinarios da folha. O pagamento é sempre adiantado; as assignaturas terminam em 30 de junho e 31 de dezembro. Anno, cincoenta e dois numeros, 48\$000; semestre, vinte e seis numeros, 26\$000; oito mezes, até 31 de dezembro, 32\$000. Quem obtiver *dez* assignaturas *quites*, terá direito a *uma* assignatura *gratuita*. Os agentes terão grandes vantagens, tanto para as assignaturas como para a venda avulsa.

*A Cigarra* é a primeira publicação d'este genero que apparece no Brasil. Dizemol-o, sem receio de contestação. Terminada a assignatura, os assignantes colleccionando os 52 numeros da folha e os supplementos, ficarão possuindo um grande volume de mais de 420 paginas, em que estará feita a critica litteraria, politica e artistica do anno.



O CONSELHEIRO THOMAZ RIBEIRO

MINISTRO DE PORTUGAL NO BRAZIL



**C**HA poucos dias, assistindo á inauguração do *Prudo Brasileiro*, entreguei a alma a um sonho radiante. E, enquanto a multidão se apinhava em torno da arena batida de sol, admirando os *gentlemen-riders-stepple-chases*, eu, afastado, voei em pensamento para outro clima e para outra idade.

O céu era o mesmo, de um azul lavado e fresco. Mas a arena dilatou-se. Era um immenso quadrado, cercado de porticos simples. Fora da área dos jogos, ficavam as piscinas de marmore: um barulho de agua corrente cantava no ar. Homens de carne moça, de fortes musculos robustecidos pelo exercicio violento,—gente alimentada diariamente com um punhado de azeitonas e uma sardinha—sahiam nus do banho, desvendados á luz os corpos apollineos, untavam a pelle de oleos aromaticos, esfregavam-se com almofaças de dentes de ferro, e, em trez saltos felinos, chegavam á arena.

Sobre os degrãos dos palanques, a multidão esperava em silencio, a cabeça descoberta, os pés em sandalias de couro, com uma simples tunica sobre o corpo. No centro, os juizes, coro dos de louros, n'uma attitudo de deuses, deixavam cahir, arrastados no pó, os largos mantos de purpura. E um arauto, junto d'elles, esperava o nome do vencedor, para o annunciar, pela fantarra da sua voz retumbante, á assembléa, á cidade e á gloria.

A principio, eram as corridas a pé, derredor do estadio. Pés firmes batiam a areia, n'uma cadencia triumphal. E uma nuvem de poeira cobria aquella massa humana que voava... Depois, carruagens leves, tiradas por cavallos em pello, abalavam-se n'um estridor de patas e de ferragens entrechocadas. Depois, a multidão se agitava, esmagava-se, pisava-se, applaudindo: e o exercicio do Pentathlo começava.

Os atletas firmavam-se em pontas de pés, encurtavam o corpo, preparando-o para o salto, contrahiam todos os extensores, e, de repente, como arcos dobrados violentamente que se distendem, destacavam-se do sólo com a força e a impetuosidade de molas de aço, e arrojavam-se gloriosamente para o céu. E a sua ascensão material enthusiasmava a multidão: os espectadores viam n'ella a subida da sua raça para a perfeição divina, para o seio do Olympo, para a alegria da immortalidade.

Os escravos traziam então os discos de metal e os dardos. Biceps de bronze inchavam em braços de marmore. As garróchas finas e agudas partiam, silvando, zunindo, e cravavam-se no alvo, com uma palpação de todas as suas plumas.

E o rumor claro dos discos vibrava no ar.

E, subitamente, dois moços, grandes e bellos, mediam-se com os olhos, estirando os braços apertados em braçães de couro, e amplexavam-se. Um grande silencio ancioso pairava sobre o circo. E nessa mudez completa da multidão, ouvia-se o resfolego dos luctadores, cujos dois corpos estreitamente unidos oscillavam. Os ossos estalavam: o chão da arena tremia ao peso d'aquelle combate de semi-deuses. E quando um d'elles cahia, banhado em suor, offegando sob o joelho do

vencedor,—para o limpido azul do céu deslumbrante subia, como o bramir de uma tempestade, a aclamação da assembléa. O nome do heróe, repetido por dez mil boccas, voava aos confins da joven Grecia: e, empunhando um ramo de oliveira, o vencedor dos jogos olympicos caminhava em triumpho para a sua cidade natal.

Acompanhavam-no avidamente os meus olhos. Levado aos nombros dos meus concidadãos, elle sorria, já com um reflexo da immortalidade na face. E um pouco da sua gloria me tocava, porque a minha raça era glorificada n'elle...

\*\*\*

Ai! era tudo um sonho!... Vi-me, ás subitas, sentado n'uma cadeira austriaca, com o pescoço entalado n'um collarinho alto...

E a multidão, que alli estava, usava umas sobrecasacas compridas e negras como sotainas, e umas cartolas altas e lustrosas como chaminés. As senhoras, com cinturas finissimas,—vestidos muito estreitos nos pés e muito largos nos hombros,—pareciam funis emborcados. As suas mangas, amplas e descommunaes, fluctuavam ao vento: cada menina pallida parecia carregar aos hombros dois formidaveis presuntos de seda. Então um grande desanimo me cahiu sobre a alma, e desconsolado, fui com o Julião tomar um refresco.

Foi effeito do refresco? Não sei. Mas o desanimo cessou. Calmo, sorrindo, voltei para o meu logar, e, livre de sonhos absurdos, assisti ao resto do spectaculo, entregue a reflexões praticas, mais proprias da alma de um carioca de mil oitocentos e noventa e quatro, com o cambio a 8 e uma guerra civil de quatro annos de idade.

\*\*\*

Meu Deus! cada róca com o seu fuso, e cada seculo com os seus exercicios. O culpado d'esses sonhos, d'essas saudades anciosas que o jornalismo fluminense de hoje, de vez em quando, diz sentir pela rija educação physica dos tempos heroicos,—o culpado dessa mania é Sr. Ramalho Ortigão que vive a fazer, em livros e artigos, a apologia da gymnastica.

Em primeiro logar, amigos, a gente grega, como eu mesmo já o lembrei no principio d'esta chronica, alimentava-se com uma sardinha e um punhado de azeitonas, vestia-se com uma sobria tunica de linho, e morava em casas pobres em que o vento e a chuva entravam sem cerimonia. Que era a vida n'aquelle tempo? era a gymnastica, era a guerra, era o canto, era a lavoura, e mais nada!

Apanhem me um honesto burguez d'estes desventurados tempos modernos. O homem é empregado publico: o emprego rende-lhe duzentos mil réis. Mas o desgraçado tem oito filhas que precisam de marido: querem vestir-se, querem piano, fitas, teteias, theatros. E o infeliz, mesmo arranjando para a noite qualquer trabalho supplementar com que se estrompe a ganhar a vida, não consegue, no fim do mez, pagar todos os seus compromissos. Mettam agora na cabeça d'esse burguez a convicção de que, para viver muito, o exercicio physico é indispensavel: mandem-n'o perder, de manhã, duas horas em gymnastica de quarto,—de tarde, outras duas em corridas a pé,—de noite, outras duas em velocipedia. E digam-me que tempo lhe ficará para ganhar o pão de cada mez.

O' nescios! o problema capital da vida não é viver muito: é viver! não é ter saude: é ter dinheiro! não é ser bello: é comer!

\*\*\*

E, por isso mesmo, o *sport* moderno é admiravelmente bem concebido: dá de comer a quem se emprega n'elle, e diverte a quem tem tempo e dinheiro para se divertir.

Não fujaos ingratamente á influencia do seculo em que Deus nos atirou ao mundo. Não queiramos voltar á serenidade do tempo antigo, porque, complicados e molles como somos, fariamos uma triste figura, se déssemos em atletas e gymnastas.

Sabei que, por mim, desisto da empreza. Se me mettesse a desenvolver os musculos, á força de exercicios violentos e de sobriedade de mesa,—não teria, com certeza, dentro de pouco tempo, uma corça de louros á frente, mas uma corça de saudades sobre o caixão. Mais ainda: se para conquistar o coração de uma d'essas adoraveis creaturas que estavam

no *Prado Brasileiro*, e que persisto em achar deliciosas com os seus vestidos em funil e as suas mangas de presunto,—se para lhes conquistar o coração, me fosse agora preciso, como antigamente, fazer proezas physicas, lutar n'um circo aberto, n'ú da cintura para cima, tomar cidades de assalto, ganhar batalhas, destroçar exercitos,—sabei! eu preferiria viver isolado na terra, n'um celibato forçado, sem saber que sabor tem um beijo...

Nós não somos feitos para essas façanhas, amigos! Contentemos-nos com o que o seculo nos dá. E, em materia de *sport*, limitemos-nos a apostar n'este ou n'aquelle corredor, n'este ou n'aquelle cavallo, n'este ou n'aquelle pelotari. A idade heroica foi a dos jogos olympicos. A idade moderna é a dos jogos de *poules*.

E eu prefiro perder dinheiro, vendo correrem os outros, —a ganhá-lo, correndo eu, para que os outros me vejam.

### Fantasio.



Saudemos o frio, namorados!

Saudemos o frio. Já ahí vem junho, o doce mez em que o amor sabe melhor, no aconchego das alcovas fechadas e quentes como ninhos.

Amo junho! Em junho, no inverno, as mulheres são felizes...

No verão, a vida das mulheres se passa ao sol, a um sol indiscreto e escandaloso, que não sabe ou não quer encobrir os estragos da idade,—um sol que realça a menor ruga da pelle, o menos branco dos cabellos brancos.

Mas, no inverno, como as mulheres são felizes! Quasi todo o tempo em casa, na penumbra deliciosa das alcovas, ou no theatre, á luz do gaz que disfarça as rugas e escurece nos cabellos os fios de prata da velhice.

Oh! na penumbra deliciosa das alcovas, que importa que a pelle, tão saborosa ao toque dos labios, tenha aqui ou alli um pequeno encarquilhamento, uma pequena arranhadura, uma insignificante ruga, que é como a unhada implacavel do implacavel tempo?

*Pour réparer des ans irréparable outrage*— não ha nada como a falta de luz... Os labios não veem... Que importa que um pecego tenha pequeninas manchas na pelle, se, no escuro, os labios apenas sentem o delicioso contacto do seu pello suave e o sabor da sua polpa capitosa?

Amo junho! Em junho, os homens são mais felizes...

O que olhos não vêem, coração não sente. Rugas que se não avistam, não desilludem o coração...

Amo junho! Sob as dobras das *bôas* felpudas, sob a brancura das pelles caras, as faces femininas teem um novo encanto; os labios, com o frio, ficam mais vermelhos; como que os olhos negros ficam mais negros... E os olhos azues, os olhos azues! esses ficam tambem mais azues, porque parece que todo o azul desterrado do céu, que se cobre de nevoas, vem refugiar-se dentro d'elles,—abyssos infinitos de turqueza, dentro dos quaes a alma do amante, allucinadamente, erra ás tontas, em busca do seu ideal fugido!...

Amo junho! Em junho, a propria natureza, como moça bonita que é, tira proveito das capas de neblinas com que se cobre: o verde suave das collinas resplandece mais, n'uma meia tinta delicada, dentro dos nevoeiros; a agua dos rios canta mais, quando a roça o bando errante dos vapores gelidos; e as proprias flôres, as mesmas rosas rubras, que junho herdou de maio, ficam mais bellas, pela madrugada, quando o orvalho lhes atira sobre o carmezim das petalas uma chuva de perolas e topazios...

Saudemos o frio, namorados! Por que, com o frio, as almas ficam rijas para o trabalho e os corpos ficam rijos para as batalhas do amor!

Amo junho! amo o doce mez frio, em que o amor é mais agradável, no aconchego das alcovas fechadas e quentes como ninhos!...

3



Um dos ultimos sonetos do poeta Dias da Rocha Filho, fallecido ha pouco tempo na Parahyba do Sul:

« O vinho bom, que o espirito aviventa  
E o embebe de um torpôr voluptuoso,  
No mesmo frasco um philtro venenoso  
Perfido tem, que as ancias accrescenta.

Do homem, mais vivo, á idéa se apresenta  
Algum transe remoto e doloroso:  
Eis porque fujo ao nectar perigoso,  
Que os corpos vence e as almas ensanguenta.

Sei de um vinho, porém, que purifica  
Intimamente; amansa e tonifica,  
A um tempo, o corpo gangrenado e exsangue...

A tua bocca é a dorna immaculada,  
Por onde eu sôrvo a ardente, a prolongada  
Embriaguez do espirito e do sangue...

A *Cigarra* deve o original d'essa formosa composição a um obsequio da familia do mallogrado moço, que tão fundas saudades deixou entre os seus companheiros de letras.



Uma photographia de  
Emilio Biel, do Porto.

Testemunho de admiração de  
VIAO VAGADO

MARQUES GUIMARAES

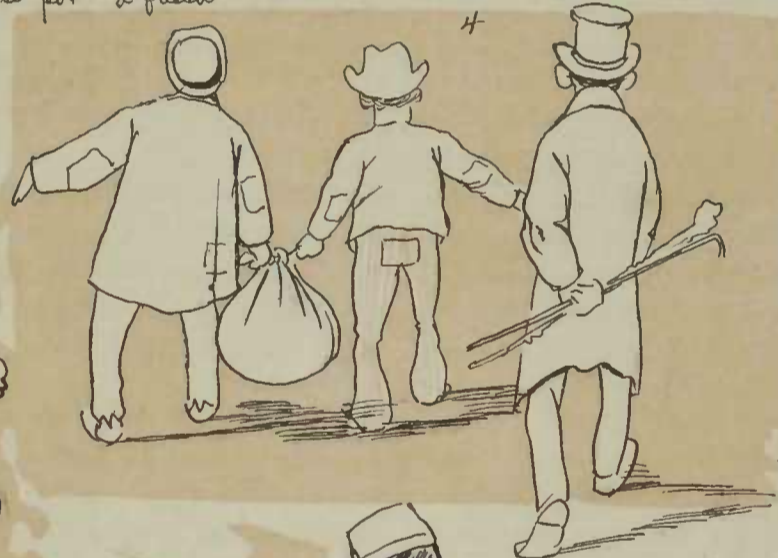
Distinto pintor portuense actualmente no Rio de Janeiro

# A CAPITAL AO SOL



e ao voltar a primeira esquina recebe de cavalheiros distinguídos  
intimação para se pôr à fresta

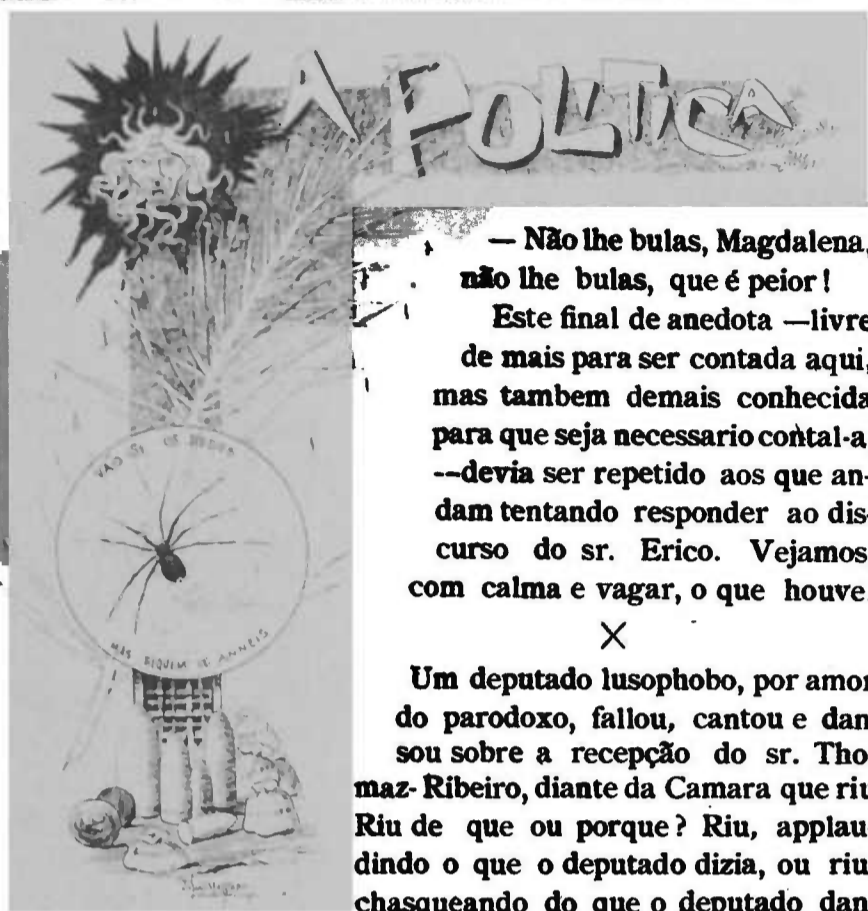
Sabe um homem para a rua



— A camisola também, sim; tudo! Vamos, rápido!

É entra-se no xadrez por... ofensas à moral

J. M. G. A. B. O.



— Não lhe bulas, Magdalena, não lhe bulas, que é peor!

Este final de anedota — livre de mais para ser contada aqui, mas também demais conhecida para que seja necessário contá-la, — devia ser repetido aos que andam tentando responder ao discurso do sr. Erico. Vejamos, com calma e vagar, o que houve.

X

Um deputado lusophobo, por amor do paradoxo, fallou, cantou e dançou sobre a recepção do sr. Thomaz-Ribeiro, diante da Camara que riu. Riu de que ou porque? Riu, applaudindo o que o deputado dizia, ou riu, chasqueando do que o deputado dançava? E' difficil decidir, porque no

riso de uma camara ha muitas cousas de que não sonha a nossa vã philosophia. Em todo o caso, a Camara, no primeiro dia, limitou-se a rir.

Mas, depois, o presidente da Camara, logo em começo da sessão, houve por bem declarar que a mesa não era solidaria com as opiniões do deputado Erico. Primeiro erro! Que a mesa não era solidaria com a cousa já se sabia, porque já se sabia que a mesa não podia ter perdido o juizo...

Depois, o sr. Zama, tratando dos negocios politicos da Bahia, veio declarar que o povo bahiano também não era solidario com a lusophobia do sr. Coelho. — Segundo erro! que tem o povo bahiano com o caso? O sr. Erico é de Cabo Frio, não é da patria das mangas... que necessidade tinha o sr. Zama de ressuscitar o lamentavel incidente?

Depois, o dr. Lopes Trovão, por cuja palavra inspirada o paiz, de bocca aberta e ouvidos escancarados, ha tantos annos espera, decidiu-se a fallar... nos corredores na Camara e na rua do Ouvidor, ameaçando Portugal de arrebental-o com meia duzia de paginas de Oliveira Martins. Foi mais uma bella occasião que o togoso tribuno perdeu de ficar calado, — porque as turbas anciosas ficaram sabendo que a voz tão anciosamente esperada era, não brado de leão, mas miado inoffensivo de gato.

Depois... Ah! depois, na secção livre do *Jornal do Commercio*, começaram a apparecer artigos gravibundos, em que patriotas exaltados aqueciam a questão, pedindo ao sr. Thomaz Ribeiro que voltasse para Portugal, dando-se por mortalmente offendido. Ha quem diga que os autores d'esses artigos eram, não portuguezes, mas *eriquistas* disfarçados, que procuravam envenenar o caso, provocando a colonia... E' possivel! Conheci um amator de barulho, que usava de processo equal. Quando se queria divertir no carnaval, ia a qualquer theatro, e provocava uma briga na platea. A briga pegava, desenvolvia-se, alastrava. Quando já havia vinte pessoas engalfinhadas, o amavel provocador subia ás torrinhas, e de lá arremessava cadeiras sobre os combatentes, para dar animação ao combate...

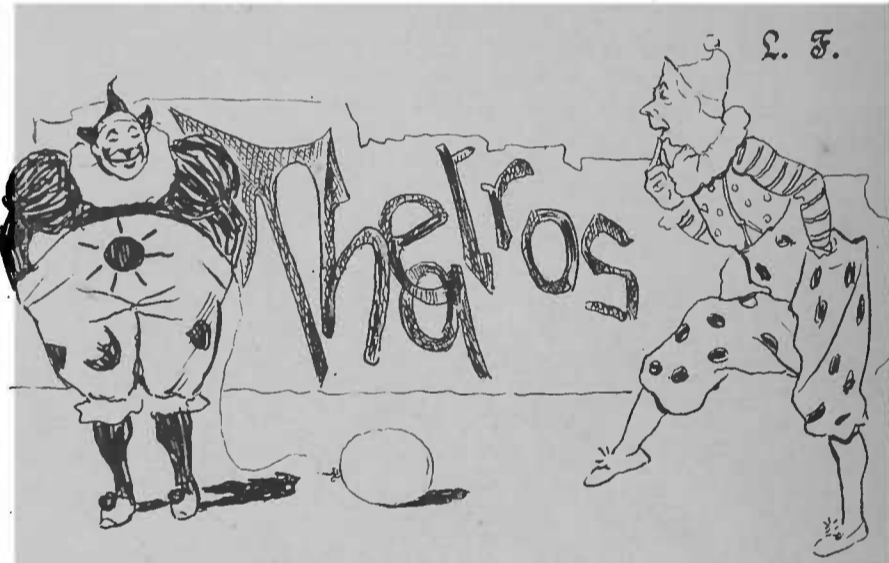
Depois... Ah! depois a mocidade das escolas interveio. A mocidade precisa de agitação, de pilheria, de escandalo. Já lhe não bastam as galerias do *Lyrice*, nem as vaias aos

calouros... E eil-a dividida em trez grupos: uns protestam contra o sr. Thomaz Ribeiro; outros protestam contra o protesto; outros, finalmente, protestam contra o protesto dos primeiros e contra o contra-protesto dos segundos, entendendo que a mocidade academica não tem nada que fazer no meio dessa moxinifada...

Ah! santo Deus! que tanto barulho por tão pouca cousa! O incidente já estaria morto, se a imprensa o esquecesse, se os animos exaltados se submettessem a uma ducha de bom senso, se eu mesmo, que aqui estou querendo dar provas de muito juizo, estivesse escrevendo sobre outro assumpto, em vez de concorrer para engrossar a *reclame* ruidosa, que tanto agrada ao espectacular sr. Erico.

Notae bem quantos dias já correram sobre o caso. Depois do discurso famoso, já o Sr. Thomaz Ribeiro visitou o sr. Carlos de Carvalho, já foi visitado por elle, já foi ao Jardim Botânico, já adoeceu, já se restabeleceu. O incidente já devia estar esquecido e desculpado. Desculpado, sim, porque a gente, que o explorou, vive d'isso: vive de fazer escandalo, de gritar, de perturbar a vida dos que trabalham. Para que se ha de privar tanta gente dos seus meios de vida?

Tudo isso prova que o Rio de Janeiro ainda não é Pariz. Aqui, um pequenino factó avulta, vive, como um Mathusalem, por semanas e semanas a fio. Oh! por quem sois, acabemos com isto! Civilisemos-nos!



Emquanto a municipalidade não levanta o nivel do Theatro Nacional, subordinando artes e artistas ao regimen edificante do ponto, do papelorio, da promoção, da aposentadoria, e das outras inestimaveis usanças das secretarias do serviço publico, — a população fluminense vae roendo o que lhe dão.

Mas, felizmente, Novelli ahi está. Antes da Pacini e da Darclé, o grande Novelli vae pisar o palco do *Lyrice*, dándonos Shakespeare e Dumas, Cossa e Sardou. Isto quer dizer que a gente, que não vae ao theatro apenas para ver canellas magras de *cabotines* e esgares simianos de *cabotins*, vae ter noites cheias, noites de arte, de verdadeira arte.

O *Aquidaban*. Terceira revista de anno. Dizem que também esta tem politica a dar com um páo. Ainda ha poucos dias, na Camara, o sr. Medeiros de Albuquerque revoltando-se contra a amnistia proposta no Senado, perguntava com grandes ares tragicos: « Sr. Presidente! quando tratará o Congresso de discutir e approvar os actos do governo do benemerito marechal? »

Já o sr. Medeiros não tem motivo para renovar a sua anciosa pergunta. O Congresso já não tem necessidade de discutir os actos do benemerito. Os revistographos encarregaram-se de discutil-os e enaltecel-os ou condemnal-os, com um enthusiasmo tocante, mais proprio de congressistas que se autores dramaticos.

*Such.*

No proximo numero (n. 5): uma poesia inedita de Luiz Murat: — « Alma dolente. »

As attitudes languidas, o abandono chic, o morbido fulgor dos olhos humidos, tornavam-na desejada de quantos d'ella se aproximavam; principalmente dos que, por uma concessão mais ampla, podiam sentar-se nos pequeninos *puffs* ou, mais humildemente, nos almofadins onde costumavam repousar, unidos, os miudinhos pés da caprichosa.

Alvaro conseguira a sua *sympathia*. Tornou-se o preferido, não porque fosse o mais bello, mas porque sabia colorir com tal requinte a palestra, era tão interessante a contar, dizia com tal expressão e com tão prodiga abundancia de imagens, que ouvi-lo era o mesmo que escutar a leitura de um livro bem composto, rico de estylo, variado, elegante, pittoresco. Emma dizia que o seu tedio desannuviava-se sempre que lhe apparecia o amavel conversador, trazendo-lhe uma descripção de passeio, uma paisagem, um caso tragico, uma nova poesia ou, á falta de assumpto, os seus principios, as suas theorias.

N'essa noite discutiam amor. Emma, mollemente caída sobre o divan, as mãos no collo, a cabeça derreada sobre ouvia sorrindo as palavras do excentrico:

— Não sou dos que se impressionam facilmente. Tenho amado; seria estulticie querer passar por invulneravel e o meu coração não foi mergulhado no Lethes. Tenho amado: tenho, por vezes cedido á seducção; mas o que me attrae, o que me fascina, não é o todo feminino... eu sou um doente, sou um doente, sou victima d'essa molestia lubrica, que o doutor Laurent classifica sobre o nome de fetichismo. E' assim que tenho visto os olhos mais bellos sem emoção, sem interesse: acho-os divinos, mais logo os esqueço por outros, azues ou negros, indifferentemente. Boccas admiraveis têm adormecido sobre a minha bocca, cabellos opulentos me têm envolvido... e eu, com tristeza afirmo, saio de todas essas provas... imperturbado e frio. E, todavia, não sou um hyperboreo, tenho um coração tropical, mais ardente que a canicula, e, quando me abraço, o sopro de insanía que por elle passa é mais quente que o kansim das areias da Lybia. Mas essa furia amorosa apenas irrompe em mim quando vejo um palmo de perna, bem ajustada á fina meia preta, roliça e... Mas lá começo a exaltar-me... só com a lembrança. Fico louco, perdidamente louco.

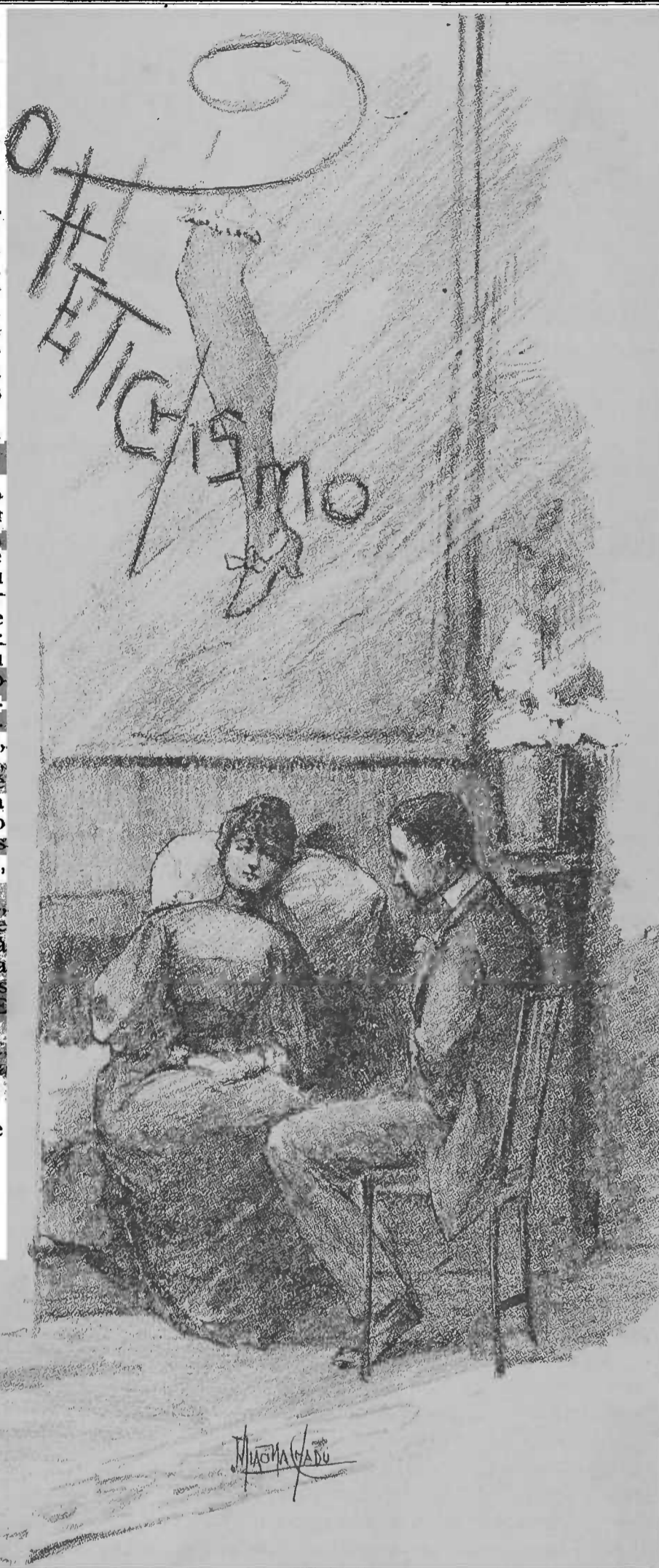
— E' extravagante. Então prefere a tudo... disse Emma, movendo-se no divan, mas, de tal geito que o vestido se lhe arregaçou de modo que a renda da fimbria ficou quasi á altura das ligas cõr de perola que realçavam sobre a meia preta muito justa, sem uma ruga. Alvaro escancellou os olhos allucinados: e ella, risonha, indagou, fitando-o: — E para que lhe dá a loucura, senhor Alvaro?...

Que havia de responder o pobre louco? Para que havia a caprichosa, de provocar o desvairado? Culpa... Que culpa podia ter o responsavel, o delirante?

Quando tornaram os dois á realidade, Emma, arquejante compondo os lindos cabellos, disse:

— Decididamente fazes jús a uma camisola de força...

Caliban.



## A PSYCHOLOGIA DAS BOTAS

Devem os leitores estar lembrados de que ha dois numeros lhes promettemos uma pagina sobre a *Psychologia das botas*. Desistimos da empreza, porque depois de varias noites gastas em consultar alfarrabios e de varios dias consumidos em entrevistar philosophos, chegámos á conclusão de que as botas não teem psychologia.

# MISTER WILLIAM NOS FENIANOS

O MAXIXE A' INGLEZA



J. MACHADO.